

O LIVRO DO AM-DUAT E O DESTINO PÓSTUMO DO REI

Antonio Brancaglion Junior

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: *O livro do Am-Duat é propriamente uma obra tebana. Iniciada durante a XII dinastia, seu objetivo era reunir em um só texto todas as diversas concepções funerárias, mais ou menos espiritualizadas, que se concentraram em torno dos cultos de Osíris, de Khentementiu, de Seker, além das idéias solares, englobando até mesmo cultos de desuas-mães como Mut e Nut. O plano desta obra colossal, concluída durante o reinado de Amenhotep II, agregando todos os mitos e de todos os símbolos, é a reunião de uma multidão de divindades que em sua maior parte são para nós desconhecidas. Revela o grande esforço da escola teológica tebana em unir idéias tão diferentes e ligá-las ao destino póstumo do faraó.*

PALAVRAS-CHAVE: *Crenças Funerárias, Mundo-Inferior, Religião Egípcia, Culto Solar.*

Todos os faraós sepultados na necrópole real, em Tebas Ocidental¹ de 1492 a 1070 a.C., tiveram como tema central na decoração de suas câmaras mortuárias, sarcófagos e capelas funerárias, o chamado livro do Am-Duat².

As tumbas reais diferem das civis, não somente por suas dimensões³ e a abundância de sua decoração, mas ainda e essencialmente, pelo caráter de sua destinação e pela natureza das cenas e dos textos que as ornaram. A tumba menfita compunha-se de duas partes essenciais: uma câmara e uma capela⁴. Estes dois elementos estão separados nas tumbas reais do Novo Império. O hipogeu tebano apresenta somente um destes elementos constitutivos, a câmara mortuária. A capela, que é destinada ao culto do morto e às oferendas é substituído pelo templo funerário construído no Vale do Nilo.

Enquanto as cenas que se referem à vida terrestre do morto, as oferendas que lhe são dedicadas, figuram sobre as paredes do templo funerário, o hipogeu comporta cenas e textos mitológicos relativos à sobrevivência da alma real.

1. Hoje conhecida como Vale dos Reis, do árabe Biban el-Muluk, esta necrópole real abriga um de 62 tumbas escavadas na rocha.
2. Traduzido também por Dat ou Tuat esta palavra é escrita por uma estrela dentro de um círculo. Embora a sua tradução ainda não seja bem aceita convencionou-se traduzir o conjunto destes textos por "livro do que existe no Hades" ou ainda "escritos da Sala Oculta", uma referência à câmara funerária decorada com cenas deste livro.
3. A hierarquia das tumbas do Vale dos Reis manifesta-se por um sistema de medidas e proporções, reservadas exclusivamente aos sepultamentos reais, baseado no côvado real (52,3cm). A presença de pilares e poços também são privilegiados dos hipogeus reais.
4. Estes dois elementos serão reunidos no Novo Império somente nas tumbas civis.

O **corpus** formado por estes textos e vinhetas era mantido sob a forma de papiros, guardados no templo de Ámon em Tebas. Devido, provavelmente, ao extenso uso, as folhas de papiro rasgaram, tornando-se ilegíveis demais para os escribas-desenhistas copiá-las nas paredes, nestes casos o escriba escreveu na composição dos hieróglifos "fonte original de base defeituosa"⁵.

A preservação deste magnífico repertório iconográfico e artístico deve-se à inexistência de um mercado ilegal de arte antiga até o século XIX, que demandaria fragmentos destes desenhos pintados nas tumbas reais. Por outro lado estas pinturas sofreram o ataque do sal inerente ao calcáreo tebano, às ocasionais torrentes de chuva, aos grafites dos turistas gregos e à depredação dos monges coptas, que utilizavam as tumbas como moradia nos primórdios do cristianismo.

Assim como os "Textos das Pirâmides" do Antigo Império, o "Livro do Am-Duat" no Novo Império era reservado ao uso exclusivo do soberano. O mesmo princípio comanda a ornamentação dos pilares e das paredes das diversas salas onde o faraó é representado, sejam em adoração seja fazendo oferendas às divindades do outro mundo.

O "Livro do Am-Duat", o mais antigo relato do "Mundo Inferior", foi formulado entre o reinado de Tumósis I (1492 a.C.) até o período amarniano (por volta de 1323 a.C.) e utilizando como motivo decorativo das tumbas das XVIII a XX dinastias⁶. Este forma um verdadeiro repertório de símbolos que exprimem, segundo várias visões, o mistério da regeneração cotidiana do deus-sol Rê, morto, que percorre o seu périplo nos abismos, qualificando-o como um livro cosmográfico, o mais importante do Novo Império.

A significação exata do nome Am-Duat ou Tuat é desconhecida. A palavra é muito antiga e expressa uma concepção que foi originada pelos egípcios pré dinásticos e que provavelmente já era desconhecida no Terceiro Período Intermediário. Usavam a palavra sem o incômodo de defini-la. Traduz-se Duat por "inferno" ou "mundo inferior", o que também é incorreto, pois a palavra inferno transmite-nos uma visão moderna que nada tem em comum com as idéias egípcias. Quaisquer que possam ser as idéias morais a respeito do Duat como lugar de punição nos tempos recentes, é claro que no início era considerado como um lugar através do qual o deus-sol morto passava após se pôr a cada noite, em sua jornada celeste rumo ao amanhecer.

Os textos não determinam o exato local do Duat. Parece ter sido, a princípio, no céu noturno, próximo ao céu onde habitavam as almas dos deuses, o que levou os egípcios a interpretá-lo como uma estadia do sol nas águas primordiais, o Num, determinando o mistério da regeneração do sol através da imersão nas águas do abismo à semelhança do batismo ritual do faraó durante as cerimônias de seu jubileu. Outra interpretação dada pelos egípcios era a permanência do sol dentro do corpo da deusa Nut, a deusa da abóbada celeste. Em um período não determinado da história egípcia, o Duat passou a ser identificado

5. Em egípcio s33 nw.

6. Tumósis III; Amenhotep II; Ay; Séthi I e II; Ramessés III, VI e IX e Sethnakht (esposa de Merenptah-Siptah e Séthi II). Uma versão do livro do Am-Duat surgida no reinado de Horemheb, chamada "Livro das Portas" decora as tumbas de Horemheb; Ramessés I, IV, VI e VII; Séthi II e os sarcófagos de Séthi I e Merenptah.

com o "Mundo Inferior", sob as profundezas da terra, morada das antigas divindades funerárias, entre elas Osíris.

A origem de tantas incertezas a respeito do Duat decorre do fato de os egípcios pré-dinásticos acreditarem que seus deuses envelheciam e morriam como os homens e que as suas almas descansavam no céu após uma jornada noturna no reino dos mortos. Assim cada grande cidade possuía seu próprio mundo inferior, assim como possuíam sua própria companhia de deuses, e que cada mundo inferior era designado por um nome. Quando os teólogos tebanos reuniram todos esses conjuntos de crenças comuns, certamente diversos "detalhes" não foram ou não precisaram ser esclarecidos.

Um dos nomes do mundo inferior que permaneceu em uso a despeito do Duat foi Amentet, isto é o "Ocidente" ou "Local Oculto" que parece ter sido originariamente o lugar de duas divindades funerárias: Anheh (o "devorador de Milhões") e Khentementiu ("O Senhor dos Ocidentais"), este último absorvido por Osíris já em tempos remotos. A palavra Amentet é encontrada desde os tempos das pirâmides. A partir do Novo Império, é personificado como uma das formas da deusa Háthor, enquanto guardiã das montanhas ocidentais da necrópole tebana; no Período Ptolomaico, Amentet é descrito como a terra do sono e das sombras.

A entrada deste "Mundo Inferior" é a montanha ocidental chamada Nanu, onde Rê inicia a sua jornada. Os textos e as vinhetas descrevem o Duat como um estreito vale cortado pelo "Nilo Inferior, uma contraoposição ao Nilo Celeste, que era ligado ao Nilo dos vivos. Ele divide-se em doze seções, que correspondem a cada uma das horas da noite e estas divisões são chamadas Quererets ("cavernas"), Sekhet ("campos"), Arrit ("sala") ou Niut ("cidade"). Cada seção possui três registros como cenas: o do meio está ocupado pelo rio onde navega a barca de Rê com sua tripulação; no registro superior está a margem esquerda do rio; no inferior, a margem direita, onde estão representados os deuses, os animais, os seres bons e maus que vivem em cada uma das horas. A marcha normal da barca solar e das almas dos mortos será sempre de leste para oeste, como o sol, em nenhum caso viajará em direção a leste, "lá onde são massacrados os inimigos do Sol".

No sarcófago de Séthi I⁷ vemos o Duat representado envolvido pelo corpo de Osíris, arqueado de tal forma que seus pés tocam a parte de trás de sua cabeça, onde concluímos que este "Mundo Inferior" estaria contido em um vale circular delimitado pelo corpo do próprio deus (Pr. I, fig. A); ele também é representado por uma serpente que morde a sua cauda como vemos na segunda capela funerária de Tut-Ankh-Amon⁸.

A cada hora da noite a barca meskhet ("a que desaparece pouco a pouco") em que navega o deus-sol, faz uma parada a fim de recompensar os bem-aventurados e punir os danados. Rê ao penetrar neste mundo subterrâneo perde a sua forma hieracocéfala, passando a ser representado como um homem com cabeça de carneiro, uma referência ao seu estado de "alma", que em hieróglifo era escrito com a figura de um carneiro e passa a ser chamado luj (ou Efu), isto é,

7. Atualmente no Sir John Soane's Museum em Londres.

8. Isto explicaria o fato de que as câmaras funerárias reais de Tutmósis I, II e III tenham o formato ovalado, como representações do Mundo Inferior

"carne", pois somente os que possuem um corpo corruptível é que podem entrar no mundo dos mortos.

A seguir apresento um pequeno resumo das cenas que ilustram as paredes das tumbas reais.

Rê inicia a sua jornada através da primeira hora da noite (ou cenário) (Pr. I, fig. B), no limite remoto da densa escuridão⁹, viajando em sua barca solar¹⁰. Sua tripulação consiste de dois deuses na proa, chamados "Pthan o abridor" e "Memória", além de uma deusa chamada "A senhora do barco"¹¹ e "Hórus o adorador" com cabeça de falcão e, nos remos-guia, quatro divindades chamadas "Touro da verdade", "Vigilante", "Vontade" e "Guia do barco". Esta é uma espécie de ante-câmara do "Mundo Inferior", uma região limítrofe entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Nela encontram-se as almas que abrem as portas do Duat para Rê. Este navega para a segunda hora (Pr. II, fig. A) onde estabelece direitos sobre a Terra para os deuses dos grãos que navegam em quatro barcos à sua frente, numa região chamada Ur-nés. A terceira hora (Pr. II, fig. B) é quando Rê revive Osíris dando-lhe "vontade", "memória" e "energia". Osíris é representado em diferentes formas, seguindo em três barcos à frente de Rê. Nesta região do Duat vivem as almas responsáveis em arrastar os inimigos de Rê de suas tumbas para o local da matança, cuspidos fogo elas cortam as cabeças dos condenados. Na quarta hora (Pr. III, fig. A e B) surge uma passagem de nível com dois portões abertos, guardadas por serpentes com cabeças e pernas humanas e pares de asas. A passagem conduz ao Rê-stau ou "Portão das Passagens", acesso ao corpo de Seker e ao túmulo de Osíris; aqui o barco de Rê é arrastado sobre a areia¹². Na quinta hora (Pr. IV, fig. A) o deus-sol viajando em seu barco, com formato de serpente, alcança um estágio crucial de sua jornada. Rebocado a um monte do qual emerge uma cabeça humana¹³ ele encontra a tumba vazia de Osíris onde Ísis e Néftis, na forma de aves, estão a guardá-la.

Durante a sexta hora (Pr. IV, fig. B), Rê navegando novamente sobre o Nilo Inferior, encontra-se com o corpo de Képri envolto por uma serpente com cinco cabeças, sua manifestação como um cadáver no "Mundo Inferior", e recebe as suas oferendas sepulcrais.

Na sétima hora (Pr. V, fig. A) Rê navega protegido pelo corpo da serpente Mehen, que o cobre como se fosse a cabine de seu barco. Nesta hora os oponentes de Osíris são aniquilados diante de Rê juntamente com seu grande inimigo, a serpente Apópis. Na oitava hora (Pr. V, fig. B) Rê tem à sua frente nove símbolos de poder na forma de cajados com cabeças humanas e facas. Estes emblemas juntamente com as divindades desta hora são os responsáveis pela destruição de seus inimigos.

9. O ponto mais a oeste de onde o sol se põe chamado de "Chifre do Oeste".

10. O barco, meio de transporte mais utilizado pelos egípcios, era o veículo adequado para atravessar, à noite, as águas infernais.

11. A cada hora, uma nova divindade feminina guia o deus-sol através de uma região do Duat. Era ela que dava instruções ao capitão do barco de como e onde navegar.

12. Elemento purificador do miasma da morte associado ao culto de Seker na necrópole de Mênfis.

13. Chamada "Carne de Ísis que está sobre a areia da Terra de Seker"

Na nona hora (Pr. VI, fig. A e B) Rê encontra doze cobras que cospem fogo, que guardam Osíris e que "vivem do sangue daqueles que elas mataram". Nesta hora Rê é impelido ao local onde ele reanimara o disco solar, é também a região do "Mundo Inferior" onde encontram-se os "trabalhadores dos campos", que são nove deuses responsáveis pelos trabalhos ligados à lavra e à irrigação dos campos a fim de fornecer alimento aos deuses.

Na décima hora (Pr. III, fig. A e B) indícios da iminente ressurreição do deus-sol ao amanhecer começam a aparecer. Um escaravelho segura o ovo do qual o sol emergirá no horizonte oriental e dois discos solares são mostrados sendo impelidos pelo céu. À frente de seu barco uma companhia de doze deuses armados guardam o deus ao se aproximar do horizonte evitando desta forma o possível ataque de algum inimigo oculto próximo ao portão.

A décima primeira hora (Pr. VIII, fig. A) representa a destruição dos inimigos de Rê no Mundo Inferior que são despedaçados por uma deusa com cabeça de leão enquanto seus corpos são arremessados em buracos ou caldeirões de fogo, cada um guardado por uma deusa que cospe fogo, chamadas convenientemente de "ardentes". Estes inimigos são mostrados como cativos, como almas destruídas, como sombras separadas de suas almas, como cabeças decepadas ou de cabeças para baixo.

Agora o deus-sol alcança a décima segunda hora (Pr. VIII, fig. B), é o clímax de sua jornada através de Duat; a barca solar é rebocada por doze deuses e deusas que o puxam, não por uma corda mas por uma serpente chamada "A Vida dos Deuses", em cujo corpo Rê transforma-se e nasce como Képri, o escaravelho que navega sobre o céu diurno sustentado pelo deus Shu, nascendo por entre as coxas da deusa Nut.

Podemos ver contudo, que embora os egípcios não tivessem um inferno para as almas dos danados, na concepção judaico-cristã, seus buracos e caldeirões ardentes alimentados por espíritos malignos e inimigos de Rê, as incontáveis serpentes e divindades com rostos de animais cuspidos fogo, serviram como fonte inspiradora para os infernos dos povos posteriores como os hebreus, árabes e cristãos. Fazendo com que as vinhetas do livro do Am-Duat passassem a ilustrar da mesma forma textos cristãos a respeito do inferno¹⁴. Esta absorção foi sem dúvida obra dos primeiros patriarcas coptas tal como Clemente de Alexandria (final do séc. II). Um antigo pagão extremamente erudito, versado tanto nas teorias da antiga religião egípcia quanto nos escritos da fé cristã, soube tirar partido com inteligência de seus conhecimentos. Provas deste sincretismo podem ser encontradas na coletânea de textos coptas intitulada Pistis Sophia (séc. II); nela a Virgem Maria pede a Jesus uma descrição da "escuridão externa" e de como e quantos são os locais de punição existentes nele. Jesus responde:

"A escuridão externa é uma grande serpente, a cauda da qual está em sua boca ... continha doze salas em que severa punição é inflingida. Em cada sala está um governante, mas a face de cada governador difere daquele de seu vizinho." (BUDGE, A. W. 1969 p. 266)

14. A vocação eremita do cristianismo egípcio fez com que muitas tumbas reais fossem ocupadas por monges ou mesmo transformadas em igrejas como a tumba de Ramessés IV a partir do século V.

Segue-se uma descrição dos doze governantes e seus respectivos nomes:

"... Esses doze governantes estão na serpente da escuridão externa e cada um deles tem um nome de acordo com a hora, e cada um deles muda sua face de acordo com a hora." (IDEM)

Está claro que esta série de câmaras na "escuridão externa" foi inspirada nas doze divisões do Duat egípcio, como descrito nos capítulos 144 e 145 do "Livro dos Mortos".

Em um outro trabalho gnóstico contido em dois livros conhecidos por "livro de lêu" temos a descrição de um "Mundo Inferior" semelhante ao Duat e ao Amentet com acréscimos de outros sistemas religiosos (hebreu e grego). Nele um rio de fogo corta os domínios da "escuridão externa" onde vive um grande dragão e suas doze salas com seus doze guardiães que mudam de nome e rosto a cada hora.

O "Mundo Inferior" egípcio está presente ainda nos textos narrativos dos mártírios dos santos coptas, onde os buracos de fogo e os demônios são agora o castigo daqueles que negaram o cristianismo. Em um destes textos São Jorge de Capadócia ressuscita um pagão chamado Boes, morto há duzentos anos e que lhe conta ter sido condenado a um mundo inferior cortado por um rio de fogo onde vermes não paravam de se alimentar. Seu pecado foi o de ter adorado em vida o "estúpido, mudo, surdo e cego Apolo". Em outro texto Macários de Antióquia restaura a vida a um homem morto há seis horas, que lhe conta as misérias sofridas durante aquelas horas, e de como seres com rosto de crocodilos, serpentes e ursos arrancavam violentamente a alma de seu corpo e fugiram com ela pela escuridão até um grande rio de fogo que cortava um mundo habitado pelo "Juiz da Verdade", pelo "verme que nunca dorme" além de inúmeras criaturas, entre elas várias serpentes.

Esta "Divina Comédia" dos santos e mártires coptas, mais do que episódios edificantes, tratam o inferno cristão da mesma maneira mágico-mítica que o Duat egípcio, dando ao cristianismo a forma concreta e visível de se abordar o sobrenatural, uma das características marcantes dos textos funerários egípcios.

RÉSUMÉ: *Le livre de l'Am Duat est sûrement une œuvre thébaine, commencée dès la XII^e dynastie, dans le but de réunir en un seul ouvrage toutes les diverses conceptions funéraires plus ou moins spiritualisées qui se concentraient autour des cultes d'Osiris, de Khentementiu, de Seker, autour des idées solaires aussi, et même autour des vieux des déesses mères, tel que Mout et Nout.*

Le plan même de cet ouvrage, achevée au plus tard sous le règne d'Aménhotep II, agrégat de tous les mythes, de tout les symboles, réunion d'une multitude de dieux dont la plupart sont pour nous des inconnus, révèle le travail d'idées théologiques diverses autour de la destinée posthume du Pharaon.

Mots Clés: *Croyances Funéraires, Monde Inferieur, Religion Égyptienne, Culte Solaire.*

BIBLIOGRAFIA

BARGUET, P. Essai d'Interprétation du Livre des Deux Chemins, *Revue d'Égyptologie*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 21:7-17, 1972.

_____. L'Am-Douat et les Funérailles Royales, *Revue d'Égyptologie*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 24:7-11, 1972.

_____. Le livre des Portes et la Transmission du Povoir Royal, *Revue d'Égyptologie*, Paris, Société Française d'Égyptologie, 27:30-36, 1975.

BUDGE, E. A. W. *The gods of Egyptians: studies in Egyptian Mythology*, Nova York, Dover, vol. I, 1ª edição, 1904.

HART, G. *Egyptian Myths*, Austin, University of Texas Press, 1990.

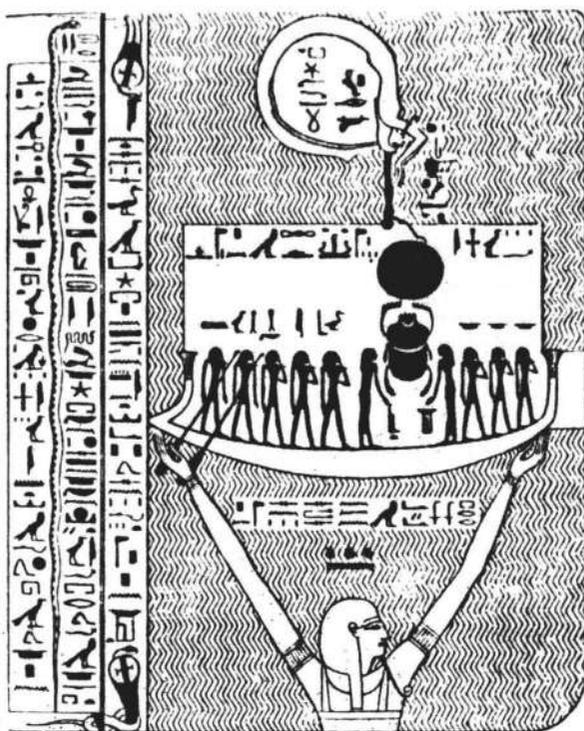


fig A

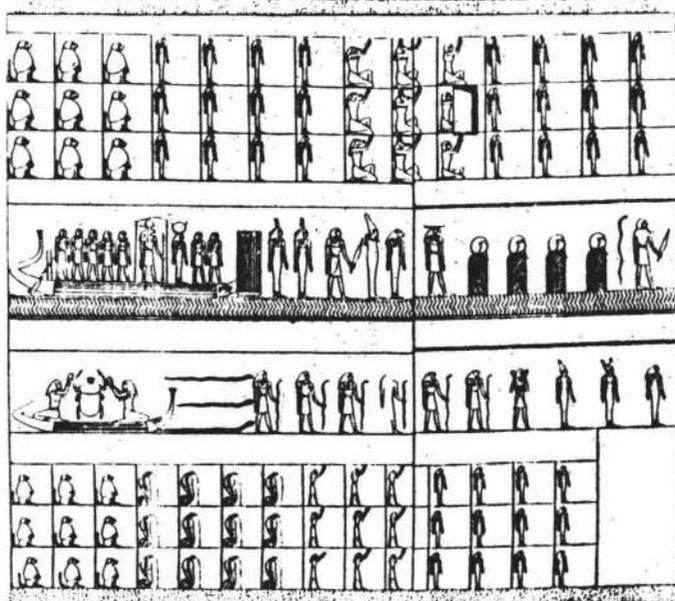


fig B

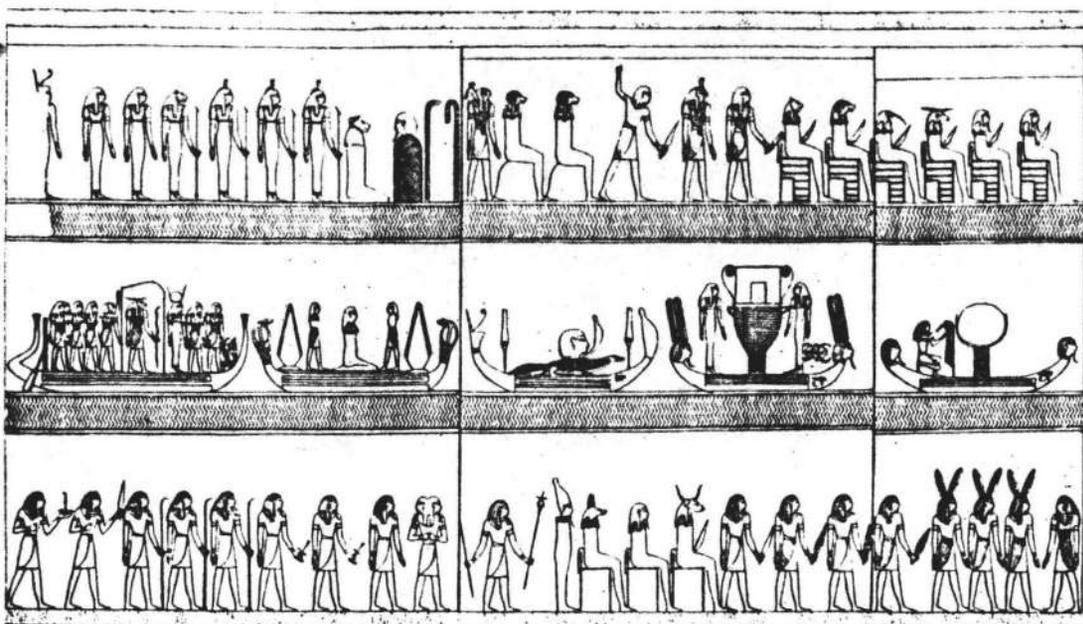


fig. A

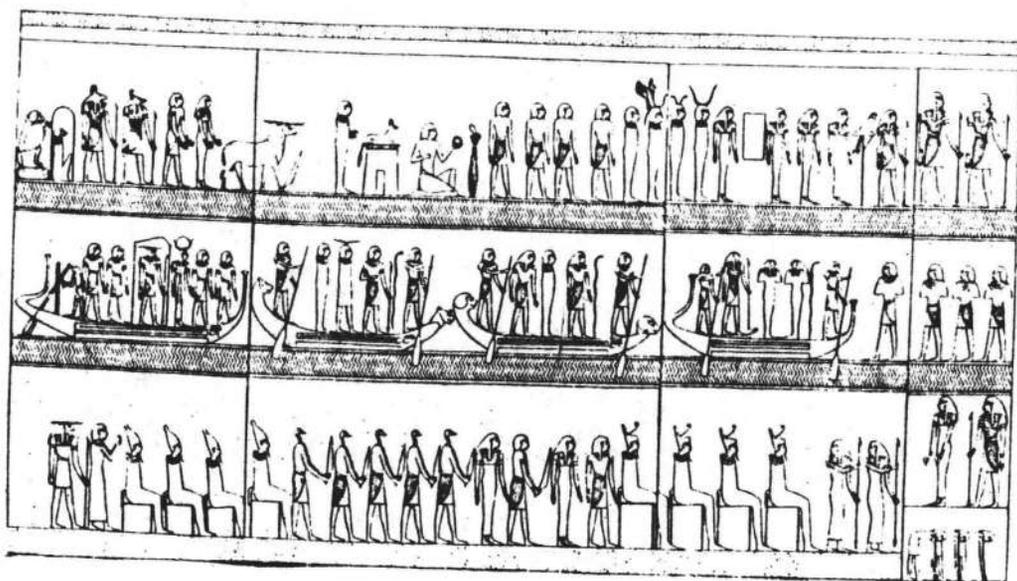


fig. B

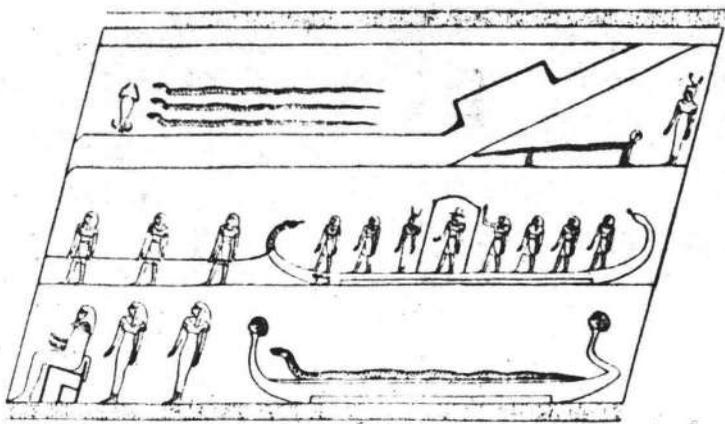


fig. A

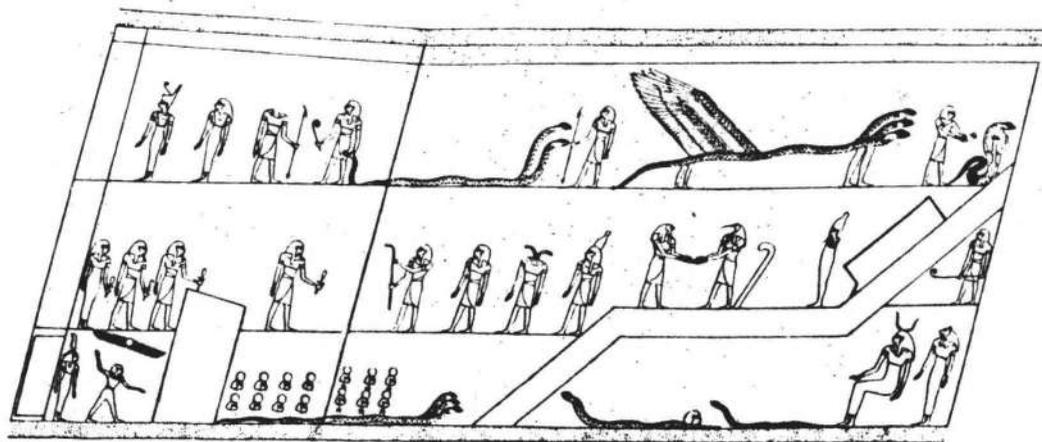


fig. B

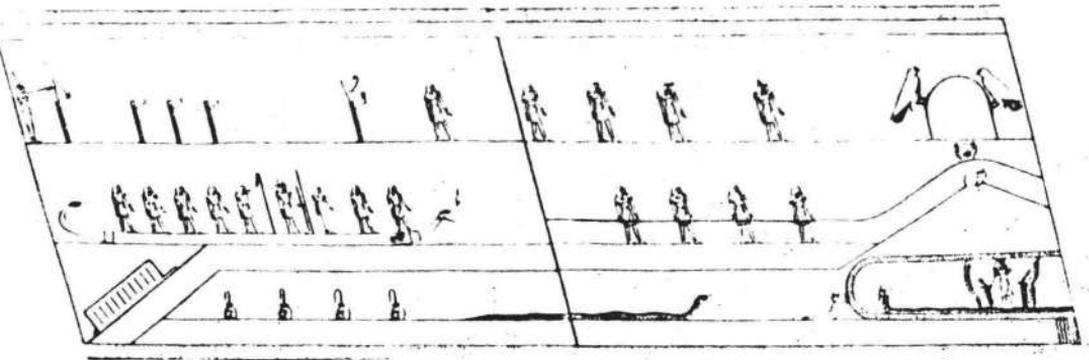


fig. A

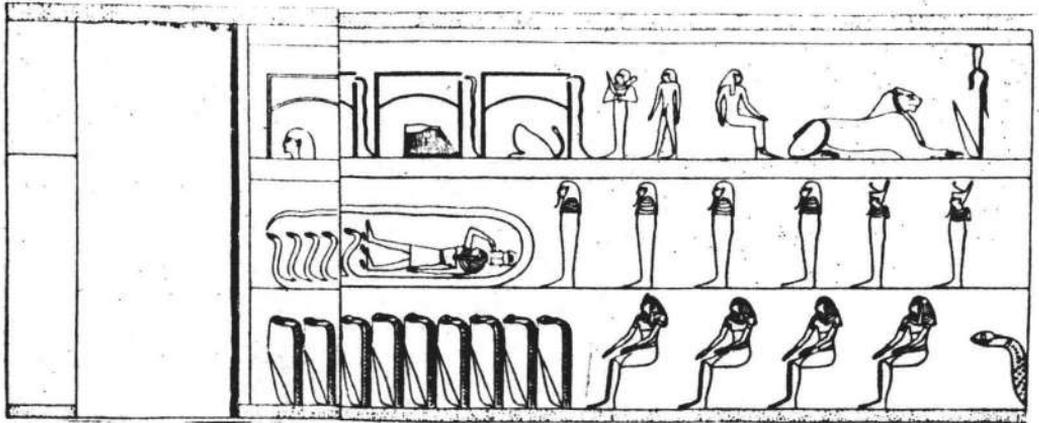


fig. B

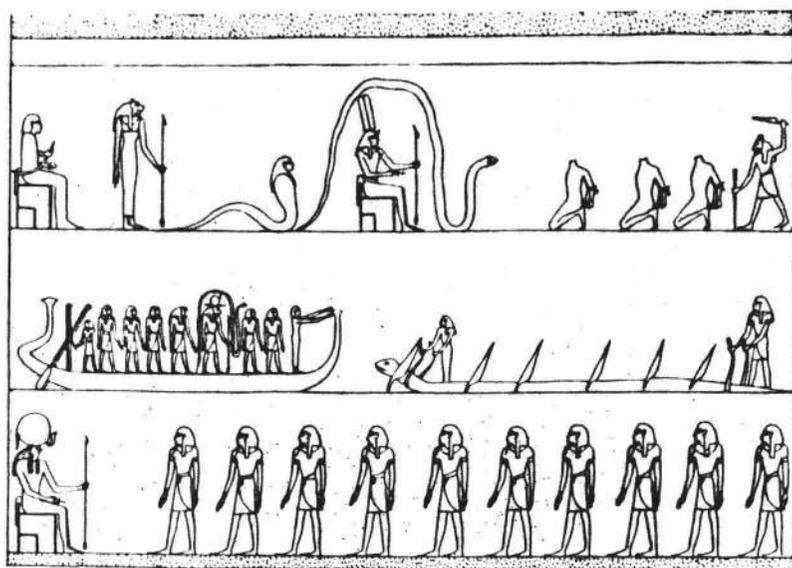


fig. A

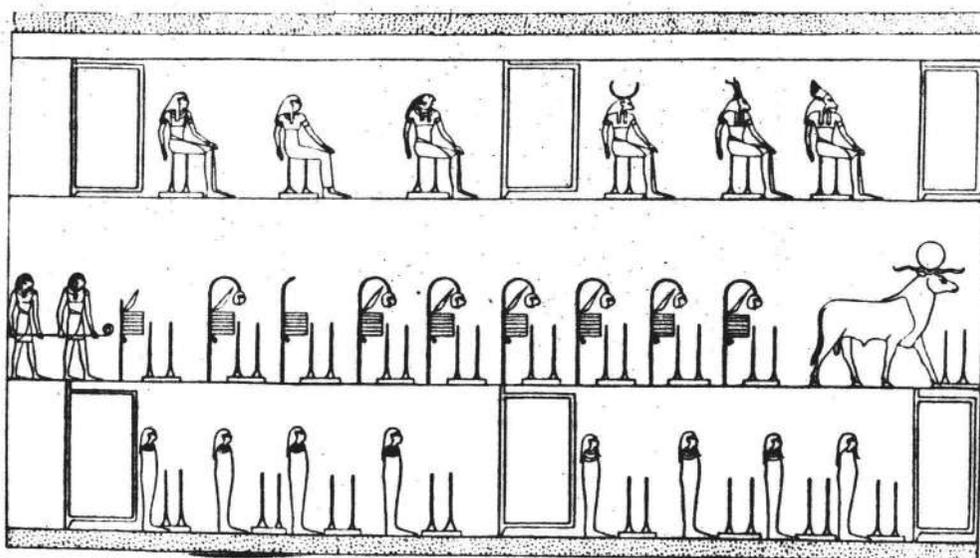


fig. B

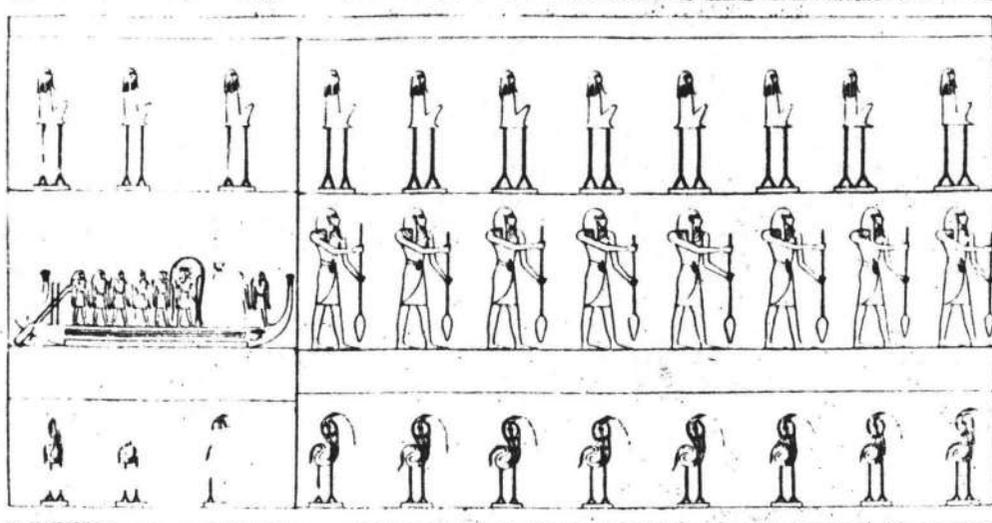


fig. A

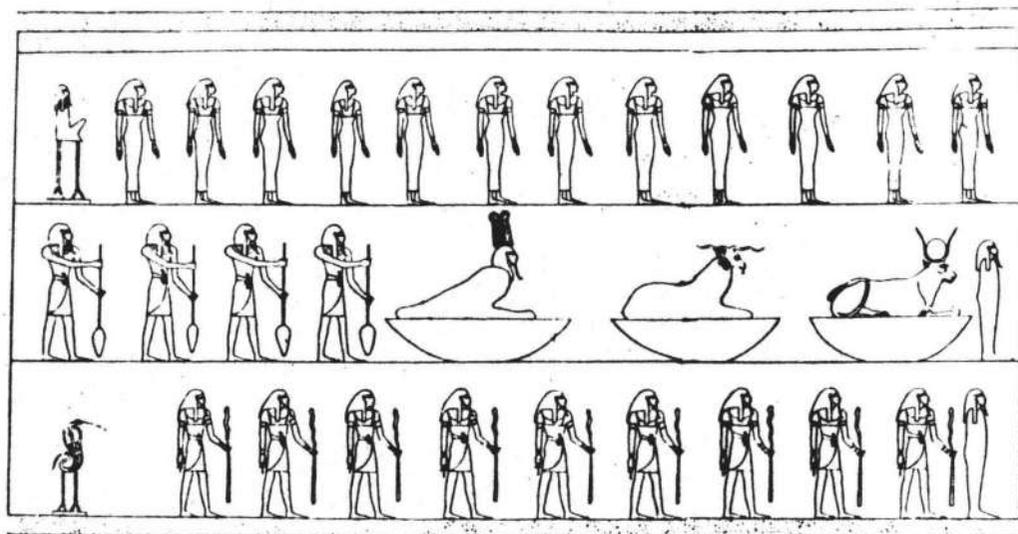


fig. B

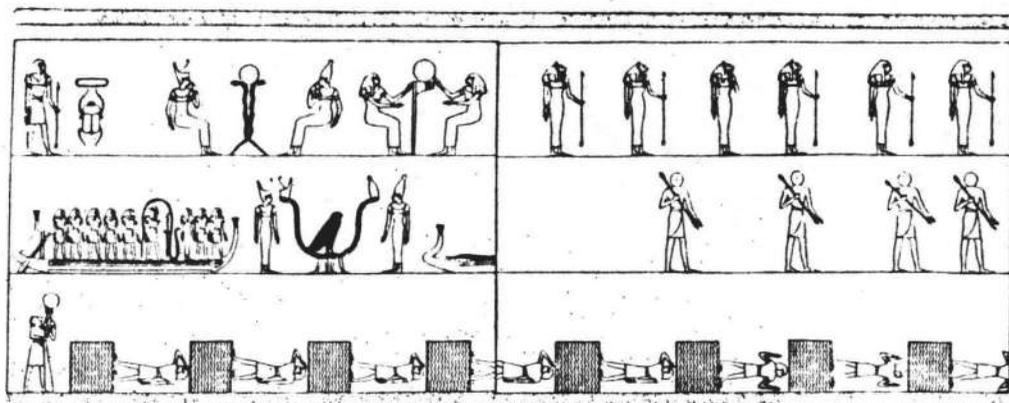


fig. A

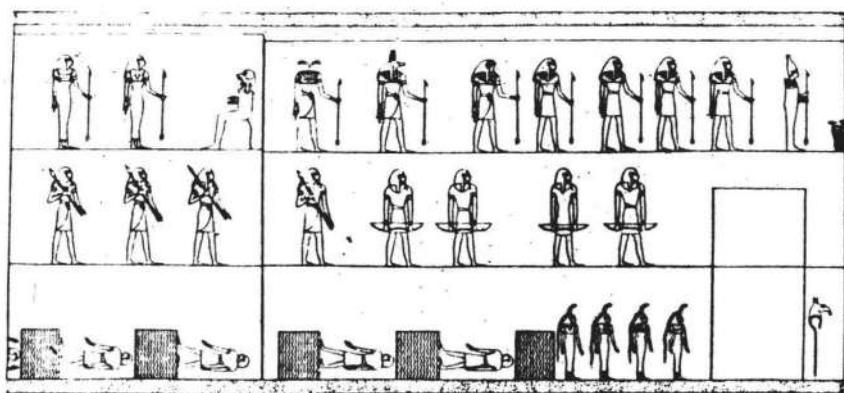


fig. B

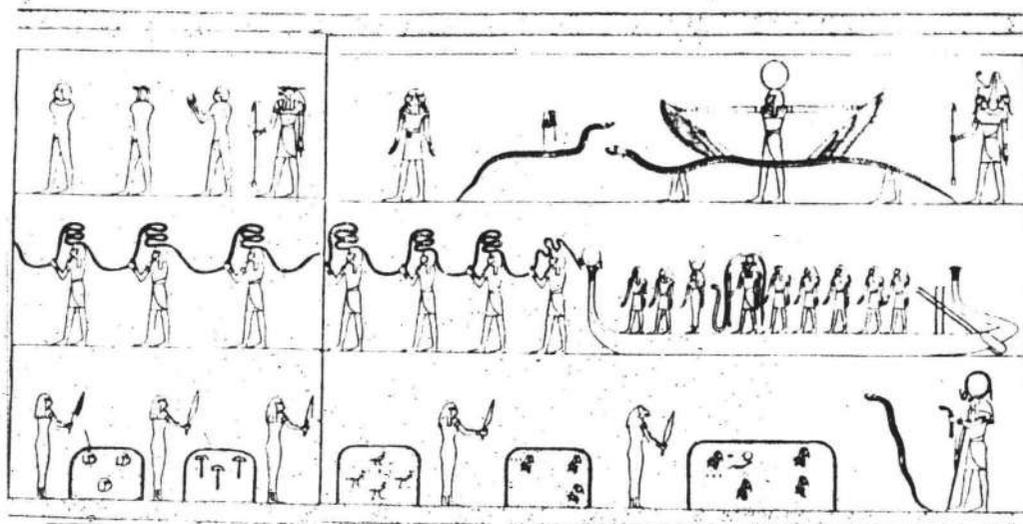


fig. A

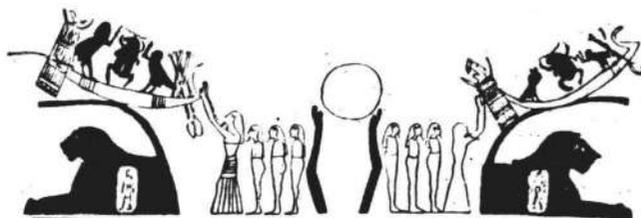


fig. B